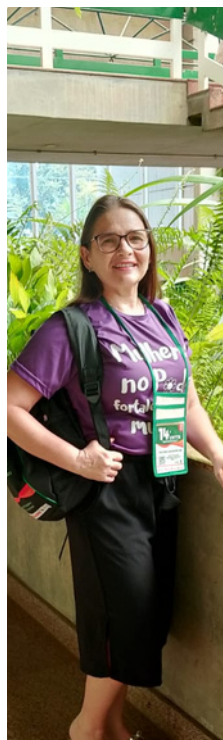
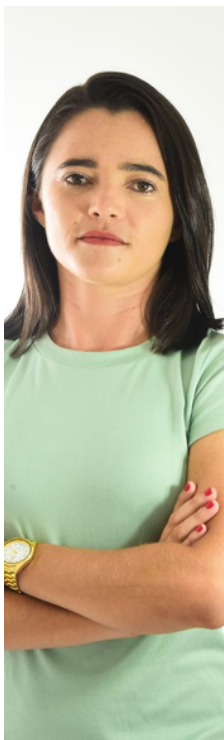


Ceará



O protagonismo político das mulheres do Semiárido nas comissões municipais

“Antes de tudo eu sou agricultora”, diz Francisca das Chagas Sampaio, integrante do Sindicato dos trabalhadores rurais, agricultores e agricultoras familiares de Senador Sá há mais de quinze anos. Chaguinha, como é conhecida na região, divide a sua rotina entre maternidade, escola, agricultura e as reuniões da comissão municipal. Não é fácil gerenciar tantas demandas, mas a sua paixão pela profissão e pela participação política sempre estiveram presentes.

As comissões dos fóruns municipais de convivência com o Semiárido são criadas para acompanhar o processo de implantação de projetos da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), como o Programa Um milhão de cisternas (P1MC) e o Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2). O papel político desses grupos, muitas vezes ocupado por figuras masculinas, também é marcado pela atuação e liderança de mulheres que, a partir de suas lutas por igualdade de gênero, estão na linha de frente na defesa de direitos para suas comunidades.



Elas, o campo e a luta

Chaguinha esteve à frente das reuniões de mobilização popular para a chegada das primeiras cisternas no município de Senador Sá. **“Os agricultores não vão atrás disso, pois não sabem qual caminho percorrer. As pessoas confiam muito no trabalho do sindicato e no da comissão, pois não sabem resolver as questões burocráticas”.**

As comissões dos fóruns municipais de convivência com o Semiárido dos municípios cearenses Senador Sá, Moraújo, Sobral, Groaíras, Forquilha, Frecheirinha, Varjota e Cariré têm realizado o importante trabalho de mobilização e apresentação dos projetos para as comunidades. Além disso, o grupo é responsável pelo cadastramento das famílias nos programas, atuando como uma ponte entre as organizações, como a Cáritas Regional Ceará, e a população. As comissões são formadas por representantes de Organizações da Sociedade Civil de forma democrática, por meio de eleição, como sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais, associações comunitárias, coletivos de mulheres, grupos de jovens, comunidades de igrejas e entidades do poder público, como secretarias de agricultura e educação, entre outras. Quando se trata de representatividade, é possível observar um crescimento no número de mulheres que participam ativamente das comissões.

Apesar da ampliação da participação feminina, ainda existem muitos desafios a serem superados, como o machismo estrutural e o pensamento de que as mulheres executam apenas as tarefas domésticas. Enquanto lutam por direitos iguais, elas estão à frente das atividades agrícolas junto com os maridos, dividindo essa responsabilidade com a organização da casa e a criação dos filhos. Além disso, várias mulheres criam os filhos sozinhas e lidam com todas as atividades diárias como chefes de família.



Chaguinha

“Acham que a mulher é só uma ajudante. A mulher trabalha em casa e na roça. Trabalha lado a lado com o marido”

Essa gestão de tarefas também faz parte da rotina da Ana Carolina Catunda, do município de Varjota. **“Amo trabalhar com agricultura, meu dia a dia é corrido. Sou dona de casa, sou mãe, trabalho fora, acordo às 5h da manhã. Vou pra academia, trabalho na secretaria de agricultura de Varjota e no comércio no turno da tarde”**, diz Carol, que também precisa cuidar dos seus filhos.



Carol

Quem partilha dessa mesma experiência é a Rosinha do sindicato, como é conhecida a Rosa Maria Albuquerque. A secretária de finanças compreende a importância das políticas públicas de convivência com o Semiárido e participou ativamente da comissão do fórum municipal de Moraújo, que levou as cisternas de primeira água para o seu município, beneficiando comunidades tradicionais quilombolas. Hoje, a cisterna de segunda água já faz parte da realidade de muitos moradores.

“A família tem grande ajuda na sobrevivência quando tem um quintal produtivo. Pode se alimentar e até vender o excedente”, relembra.

Rosinha é popular no município pelo seu trabalho e preocupação com o povo, acreditando sempre em um mundo melhor para os agricultores, mesmo com as diferenças existentes entre os homens e as mulheres.

“Ainda existe muito machismo. Os direitos não são iguais. Quando iniciei no sindicato foi muito difícil. Tinha até medo de falar. Hoje o mundo tá diferente, a mulher tem voz, tem poder, tem coragem, tem participação política



Rosinha

Vencendo o preconceito todos os dias

Francineide Mendes, também conhecida como Fran, é presidenta do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais e integrante da Comissão Municipal de Convivência com o Semiárido de Groaíras. **“Sou beneficiária, moro em uma comunidade que não tem fácil acesso a água. São 64 cisternas só na minha comunidade. O que é importante para mim é sempre estar lutando para o melhor de todos”,** retrata. Ao mesmo tempo em que é uma liderança política, Fran também é diretamente impactada pelas políticas públicas, assim como as famílias beneficiadas pelas iniciativas de convivência com o Semiárido.

Mesmo com a diversidade de representantes nas comissões municipais, não é comum que haja uma igualdade entre o número de mulheres e de homens, muito menos que as mulheres representem a maioria dentro desse grupo. Como presidente do sindicato, Fran entende bem o peso de estar nesta função.



Fran

“A mulher nessa posição de liderança sofre preconceito sim. A gente não desanima, levanta a cabeça. Com o tempo a gente ganha espaço e mostramos que somos capazes. Não é a idade nem o gênero que define nossa capacidade. Seguimos lutando pela melhoria da nossa cidade e do nosso sertão”

Em 1995, Cleide Pereira iniciou sua jornada a favor dos direitos sociais em Forquilha. São mais de 30 anos lutando por políticas públicas, principalmente as de convivência com o Semiárido. A agricultora atuou com a implementação das primeiras cisternas e não demorou muito para que ela estivesse envolvida em discussões que falavam diretamente sobre as mulheres do Semiárido. Cleide ocupou o cargo de Delegada Sindical de Mulheres no ano 2000, promovendo também debates sobre os direitos das agricultoras na região, e até hoje é Secretária de Mulheres.



Cleide

“Ainda acho que nós mulheres não ocupamos todos os espaços. Deveríamos ter mais representação de mulheres na Câmara de Vereadores”

Algumas comissões municipais são compostas por mulheres em sua maioria, outras já possuem apenas uma ou duas em um grupo de dez pessoas. Apesar dos desafios, é preciso celebrar as conquistas, como lembra Liliane Costa, presidenta do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Frecheirinha e agricultora da comunidade de Pedra D'água.

Liliane já participou de diferentes iniciativas, como a Marcha das Margaridas, Mulheres Agricultoras, Projeto Paulo Freire e também dos primeiros debates e reivindicações para a chegada das cisternas de primeira água em Frecheirinha.

“A cada conquista vejo o quão importante é que nós agricultoras e mulheres ocupemos lugares onde tenhamos participação, voz e voto!”

Liliane



Mesmo em diferentes regiões, milhares de mulheres do Semiárido cearense compartilham de um mesmo propósito: lutar pelos direitos de suas comunidades e ampliar a atuação e o reconhecimento das mulheres em todos os espaços. Com protagonismo e liderando processos, elas representam a importância da convivência com o Semiárido, da participação política e da defesa da igualdade de gênero e dos direitos humanos. Unidas por objetivos em comum, elas seguem apoiando umas às outras.